

A IMPORTÂNCIA DA SEMIÓTICA NA EDUCAÇÃO E O APRENDIZADO DO PÚBLICO SURDO NA WEB

Armando Cardoso Ribas, Msc

Faculdade SENAC

Resumo

Este artigo aborda a especificidade da cultura dos surdos tendo em vista a construção de interfaces gráficas para WEB. São explorados os significados da palavra “cultura”, os tipos de culturas e as características da cultura surda, neste item o pesquisador aborda Pierre Levy como seu principal referencial teórico. A partir dessas referências são avaliadas as interfaces de sites direcionados ao público surdo enfocando a semiótica.

Palavras-chave

Cultura surda; interfaces gráficas; sites; semiótica

Abstract

This paper explore the influences that the deaf cultural characteristics have in the building of graphical users-interfaces. The meaning of the word “culture”, the difference among different cultures and the deaf culture characteristics are approached. From such references, some site interfaces aiming the deaf public are evaluated.

Key words

Deaf culture; graphical interfaces; sites; semiotics

1 O Que é Cultura e Qual sua Origem

O termo cultura possui várias definições de acordo com a área de pesquisa. Para os antropólogos, cultura é “[...] o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras

aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.” Já para as ciências sociais esse termo/assunto é exposto como aspecto social relacionado com a produção do saber, da arte, do folclore, das histórias, dos costumes, dentre outros aspectos, como também, disseminar essas produções às gerações futuras e aos estrangeiros (VERANI, 2002).

Conforme Levy (1998), as palavras possuem história e fazem história e a invenção da palavra cultura veio por falta de um termo mais adequado para retratar um conjunto de costumes e crenças, tudo que produz identidade e sentido de um grupo de indivíduos. Por este motivo levou o estudo ao conceito de cultura.

A palavra cultura teve seu início no latim, significando cuidado, como o cuidado com o solo e/ou gado, porém, esta definição teve seu auge no fim do século XIII. Já no começo do século XVI, seu significado não estava mais atrelado a um estado, e sim à ação de cultivar algo, como, por exemplo, “cultivar a terra”. No século XVIII a palavra cultura começa a ter uma conotação figurada, tendo sua entrada com este sentido no Dicionário da Academia Francesa de 1718. A partir dessa data, a palavra cultura deve vir praticamente complementando outra palavra (Cultura das Artes), como se fosse preciso cultivar algo (LÉVY, 2002).

Ainda no século XVIII, com um novo pensamento burguês e uma influência política, o uso da palavra “cultura” e da palavra “civilização” marca uma nova concepção, pois os intelectuais definiram cultura como sendo tudo que é autêntico e que contribuiu para o enriquecimento intelectual e espiritual, já a civilização era somente aparência, leviandade, refinamento, algo superficial. Atualmente a cultura se opõe à civilização (LÉVY, 2002).

Já no século XIX, na França, a palavra cultura se enriqueceu com uma dimensão coletiva e não se referia somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo, havendo um aprimoramento do termo, sendo que cultura aproximou-se da palavra civilização e às vezes era substituída por ela.

Já no século XX, há um debate ideológico entre a concepção de cultura, o que é exacerbado na luta entre alemães e franceses, na primeira guerra mundial, em que as palavras viram slogans utilizados como armas. Porém, conforme Lévy (2002), não é com o final da guerra que esse conflito de palavras acaba, já que a oposição ideológica não acaba junto com ela.

Como se pôde constatar o termo cultura é recente no seu significado e hoje há vários tipos de culturas, visto que há vários tipos de pessoas, classes e pensamentos (RIBAS, 2008).

Para Cuche (1999), a cultura é dividida em vários tipos, como: dominante, dominada, populares, de massa, de classes, operária, burguesa, dentre outros. Como esta pesquisa enfoca a linguagem visual e a importância da semiótica especificamente para o público surdo, faz-se necessário o estudo desta cultura.

1.1 Cultura Surda

A educação de surdos em sua história não é difícil de ser analisada e compreendida, pois houve uma evolução contínua apesar de vários impactos marcantes, como os períodos históricos marcados por transformação, desordem e crises. Uma das crises mais impactantes na história dos surdos foi na educação, em que povos surdos há mais de cem anos “ficaram subjugados às práticas ouvintistas, tendo que, abandonar sua cultura, a sua identidade surda. Submetendo-se a uma ‘etnocêntrica ouvintista’, tendo de imitá-los.” (QUADROS, 2004). Esse fato ocorreu após o ano de 1880, quando ocorreu o Congresso Internacional de Professores de Surdos em Milão a fim de debater e analisar a importância de três métodos rivais de ensino, a língua de sinais, a oralista e a mista (língua de sinais e oral).

Ainda de acordo com autor mencionado anteriormente, após esse Congresso grande parte dos países da Europa adotou rapidamente o método oralista nas escolas para surdos, proibindo oficialmente a língua de sinais. Começando assim, uma batalha do povo surdo para defender o direito lingüístico cultural. Perlin (2004), salienta que nos dias atuais essa realidade ainda existe, pois há países que somente permitem a linguagem de sinais se os estudantes não possuem sucesso com a oralização.

Segundo Sá (2006), a cultura surda quer ser reconhecida como cultura no contexto social. Mas, como esta se constitui em uma minoria é dominada pelas culturas consideradas dominantes, ou seja, a cultura dos ouvintes. Por este motivo, a cultura surda é recriada quase todos os dias.

Em uma mesma sociedade existem várias culturas, isto é, um “multiculturalismo”. Skliar (1998) destaca que a cultura surda em relação ao multiculturalismo sempre estará inferior a do ouvinte, pois há um destaque na parte biológica dos surdos, em que haverá uma deslegitimação da língua estrangeira e dos termos regionais, ou seja, a criação do monolinguismo. Isto não é motivo para deixar a cultura surda dividida entre surdo e ouvinte, pois a surdez não é sua única característica, como há surdos de etnia branca, também existe o surdo do sexo feminino, o surdo indígena e assim

por diante (SÁ, 2006).

Lévy (2002) defende que a surdez é uma incapacidade que possui uma base absoluta e, com isso, haverá um ordenamento social para se expurgar a desigualdade. Segundo este autor, isto que ocorre é preconceito, porque ninguém imagina que “uma pessoa negra deveria fazer uma operação para se tornar branca?”.

Sá (2006) declara que os surdos

não têm uma cultura própria, têm apenas algumas adequações. (...) Os surdos interagem com outros surdos, porque eles se entendem na sua linguagem e se afastam dos ouvintes pela falta de compreensão, dando a ilusão de ter uma cultura própria.

O surdo na rua sempre chama a atenção das pessoas e isto é uma questão cultural. Por isto é que eles têm a cultura deles; são até um pouco ferrenhos nisso, e por causa disso talvez sejam até um pouco atrasados, porque insistem em demonstrar que têm a sua cultura e que não vão mudar por causa do preconceito dos ouvintes.

A cultura surda é construída pela sociedade como uma sub-cultura, pois tem como objetivo tornar os surdos aceitos na sociedade dos ouvintes. Esta sub-cultura, não é formada por uma minoria, mas sim, a minoria da minoria (WRIGLEY, 1996).

O diretor executivo da Associação Britânica de Surdos, McWhinney (2001), salienta que o grande marco da cultura surda é a linguagem de sinais e neste sentido,

a comunidade Surda é uma comunidade orgulhosa de si. Orgulhosa de sua cultura, orgulhosa de sua história e orgulhosa de sua linguagem. Nós temos todos os direitos de ser orgulhosos. Nós sobrevivemos a várias tentativas de estigmatização, de opressão e mesmo de eliminação de todos nós...(MCWHINNEY, 2001).

Rosa (2006) aborda que não é só a linguagem de sinais que os surdos devem aprender, pois como os deficientes auditivos utilizam a visão para aprender, a união de imagens junto com o texto pode fortalecer a identificação do conteúdo. Esta autora afirma que o livro é uma ferramenta

importante para todos aprenderem e estudarem, pois tem papel importante no contato das crianças com os mesmos. As crianças surdas desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de se formar como leitoras e de serem também leitores visuais - necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura. As crianças precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, preferencialmente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros, construída com a família através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). (ROSA, 2006).

Esta afirmação pode ser reforçada com a declaração de Grosjean apud Perlin (2006) que destaca a proposta bilíngue para surdos a fim de torná-los membros de ambas as culturas: ouvinte e surda. Os

surdos devem conhecer em parte a comunidade ouvinte, pois esse é quase sempre o grupo social de seus pais e familiares. Porém, eles também devem entrar em contato o mais cedo possível com sua cultura, com sua comunidade para sentirem-se confortáveis nas duas culturas e serem capazes de diferenciá-las quando possível.

Estes motivos mostram a necessidade de crianças surdas possuírem contato o mais cedo possível com surdos adultos, pois ao mesmo tempo que aprendem a linguagem de sinais, também criam uma identidade psicossocial e cultural com a comunidade surda, visto que o significado dos sinais é atribuído pela comunidade falante ou sinalizante, a qual vai incorporando novos vocabulários ou sinalários em uma construção que é social (STUMPF, 2008).

Outro elemento importante da cultura surda é o Signwriting. Este consiste na escrita de sinais, resultante da busca por um sistema de representação da língua de sinais, sendo que tal busca foi interrompida por vários anos devido à exclusão e ao não reconhecimento da cultura surda. O Signwriting foi inventado nos anos 90 por Valerie Sutton do Deaf Action Committee (DAC), Califórnia, USA e sua origem está em um sistema que a autora criou para notar os movimentos da dança. O Signwriting é composto por símbolos que representam de modo gráfico e esquemático a língua de sinais e funciona como um sistema de escrita alfabético, no qual as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. (STUMPF, 2008).

De acordo com a autora mencionada anteriormente, o Signwriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo à sua própria ortografia, sendo que para escrever é preciso saber uma língua de sinais. Além disto, a escrita da língua de sinais permite estudos aplicados às línguas de sinais e o acesso à cultura escrita da população surda.

No que tange tecnologias e cultura surda, existem instituições que aplicam tecnologias para auxiliar os surdos. O Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é uma delas, que desde oito de setembro de 2003, pela Resolução nº 26, está investindo recursos financeiros para a elaboração de um software para converter, traduzir textos em português para LIBRAS (LOPES, 2007).

Além dessa iniciativa da FNDE há outras tecnologias, como o implante coclear (Figura 1). Esta é utilizada para reabilitação auditiva de pessoas que ficaram surdas após o período de aquisição da

linguagem. Mas, também há a possibilidade de pessoas que se tornaram surdas durante a fase da alfabetização ou na fase anterior a pré-lingual venham a compreender as informações sonoras verbais com este dispositivo (TORRES & MELLO, 2006).

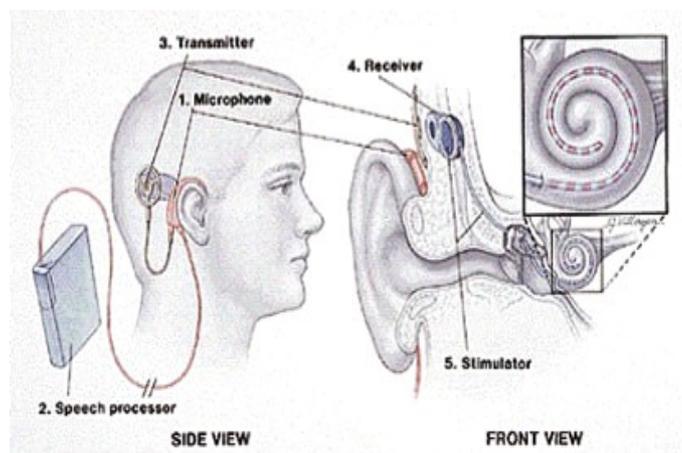


Figura 1 - Demonstrativo do implante coclear

Retirada do site: <http://www7.nationalacademies.org>

Outra forma de auxiliar o público surdo a ter acesso às informações e à educação é através de sites voltados para este público, como, o site <http://www.ines.org.br/libras/index.htm> (Figura 2) e o site <http://www.acessobrasil.org.br/libras/> (Figura 3). Esses sites ajudam o público surdo a aprender palavras com linguagem de sinais e também auxilia o público ouvinte a aprender esta linguagem a fim de comunicar-se com os surdos. Nas figuras abaixo os dois sites estão ensinando a palavra Aula em libras, auxiliando assim, o aprendizado da linguagem brasileira de sinais tanto para surdos quanto para ouvintes..

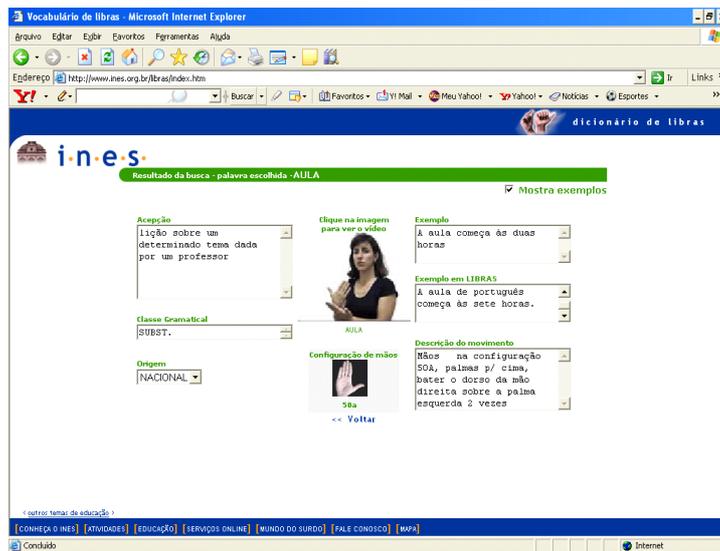


Figura 2 - Demonstração de ensino LIBRAS.
Retirada do site: <http://www.ines.org.br/libras/index.htm>

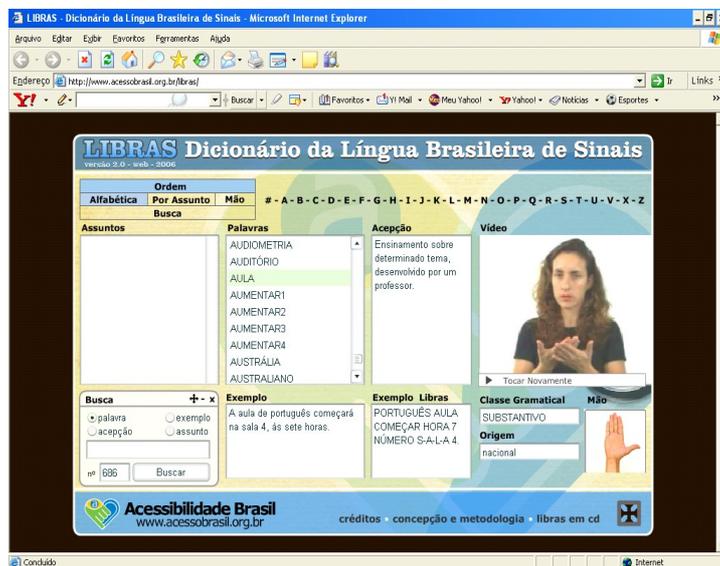


Figura 3 - Demonstração de ensino LIBRAS
Retirada do site: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A cultura surda usa a linguagem de sinais para se comunicar e, por este motivo, os sinais (signos) devem possuir uma apresentação neutra, sem muitos detalhes, como por exemplo, sombras e/ou imagens muito coloridas. Nesse sentido, ressalta-se a importância do uso da linguagem visual e da composição de elementos gráficos a fim de gerar interfaces apropriadas ao público surdo. E para que essas interfaces e elementos gráficos sejam adequados para os usuários surdos, faz-se necessário o estudo e a utilização da Semiótica, visto a sua importância para a linguagem visual.

2 A Importância da Semiótica no Desenvolvimento dos Signos para uma Linguagem Visual em Produtos para Surdos

A semiótica é a ciência para o desenvolvimento de signos (PEIRCE, 2000). Este mesmo autor afirma que a semiótica é apenas outro nome para a “lógica em seu sentido geral“, consistindo na doutrina “quase-necessária, ou formal, dos signos”. Porém, para o desenvolvimento de signos há um estudo dos fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação, pois os signos devem possuir algum tipo de semelhança aos objetos reais.

Para o desenvolvimento de signos deve-se levar em consideração a forma e o desenho. A forma é compreendida como tudo o que pode ser visto, possuindo alguns aspectos como formato, tamanho, cor, textura, espaço, posição e direção; pode ser baseada na realidade ou ser abstrata; é criada para transmitir um significado ou mensagem ou pode ser meramente decorativa, como também, simples ou complexa, harmoniosa ou discordante (WONG, 1998).

Outro aspecto em relação à forma refere-se a sua divisão em negativa e positiva. Esta é a cor que preenche a forma (Figura 5) e aquela é a cor de fora do preenchimento (Figura 4).



Forma Negativa
Figura 4

Forma Positiva
Figura 5

Apesar da forma possuir estas concepções, Maltin e Foley (1996) afirmam ser difícil definir o significado de forma, pois, para estes, forma é uma sensação e uma percepção, ou seja, a forma é uma área que se sobressai do resto que está sendo visto, em razão de apresentar uma borda ou bordas contínuas.

Além disto, tanto a forma como o desenho ou figura apresentam um fundo e Maltin e Foley (1996) postulou conclusões sobre figura e fundo:

- a figura tem uma forma definida e é dita como uma ‘coisa’, enquanto o fundo não tem forma e é somente uma substância; o fundo parece continuar por trás da figura;

- a figura parece estar mais perto das pessoas, com uma localização clara no espaço. Já o fundo se encontra mais afastado e não tem localização definida;
- a figura é dominante e impressiona as pessoas mais que o fundo.

Salienta-se que os sinais são figuras e/ou formas utilizadas para facilitar a comunicação, são os meios expressivos para a compreensão mútua entre os membros de um grupo ou sociedade, sendo uma das condições mais importantes para a sobrevivência. Há várias classificações de sinais, como, os sinais não-alfabéticos exemplificado na figura 6 com uma Cruz ou os sinais de direção utilizados para o trânsito exemplificado na figura 7 como parada de ônibus e assim, por diante (FRUTIGER, 1999)..



Cruz
Figura 6

Ponto de ônibus
Figura 7

3 A Cultura Surda e as Interfaces do Site de EAD em LIBRAS

A Semiótica junto com as tecnologias podem auxiliar no processo de ensino/aprendizagem do usuário surdo. Neste sentido, as tecnologias, bem como suas aplicabilidades, vêm cada vez mais ocupando espaços na vida do ser humano. Estas permeiam a vida dos indivíduos no meio doméstico, profissional, educacional, dentre outros setores. Faz-se necessário um aprofundamento de seus usos e funções das necessidades humanas.

A utilização de computadores na educação é um dos meios em que a tecnologia está presente. Conforme Catapan e Fialho (2004), essa tecnologia vem sendo utilizada no processo da educação sob duas formas distintas: uma sobre o computador e a outra através do computador. No primeiro o computador é o objeto de estudo, já no segundo caso o computador é utilizado para ensinar ou auxiliar o aprendizado.

A Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC possui um site específico para o público surdo, voltado para o curso de Letras_LIBRAS (Figura 8), o qual pode ser acessado em: (<http://www.libras.ufsc.br>). Este site possui ícones, signos criados com a própria escrita de sinais devido ao seu aspecto visual, os quais são usados como forma de divulgação desta escrita para o público surdo. Em relação a estes signos, o público ouvinte não está acostumado a visualizá-los, pois eles são diferenciados, não sendo familiares aos ouvintistas.

Neste site da UFSC, há também um intérprete da linguagem de sinais, o qual mostra, para o público surdo, a informação em um fundo com cor neutra, facilitando assim a visualização dos ícones e da linguagem de sinais.

Os ícones utilizados neste site possuem uma característica própria, como o

gráfico-esquemático intuitivo que funciona como um sistema de escrita alfabética, em que as unidades básicas representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. Os símbolos do alfabeto do SignWriting são internacionais e podem ser usados para escrever em diferentes línguas de sinais. O fato de o sistema representar unidades gestuais e não unidades lingüísticas, faz com que ele possa ser aplicado a qualquer língua de sinais (MACEDO, 1998).

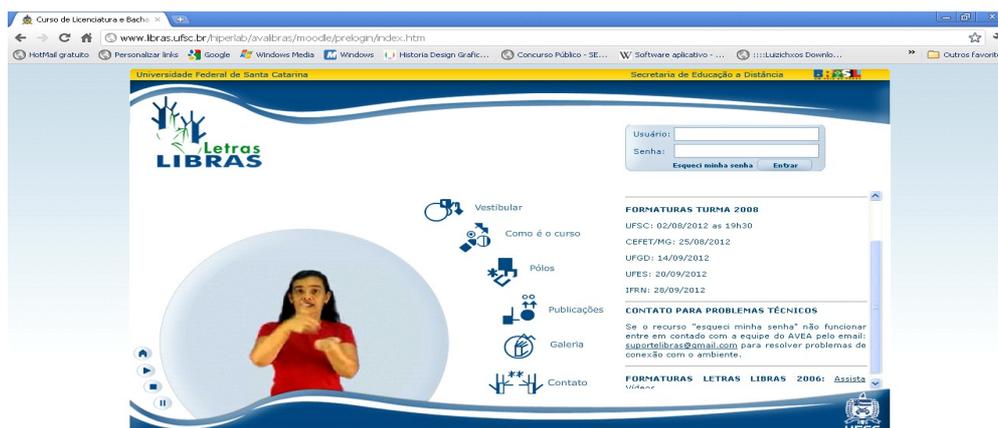
Segundo esta autora há quatro signos básicos, como mostra a Figura 7, os quais servem para a criação dos outros signos (configurações de mãos do software). Essas configurações de mãos do software SignWriting são fundamentadas nos quatro símbolos representado na Figura 7, sendo que os demais são variações deles, como mostra a Figura 8.



Signos Básicos de SignWriting
Figura 7

Signo representando a palavra Software em SignWriting
Figura 8

Na Figura 9 pode-se verificar que neste site da UFSC os signos possuem uma junção de vários símbolos de mão.



Página de acesso do site [LetrasLIBRAS](http://www.letbras.ufsc.br)
Figura 9

Outra característica deste site é que além de possuir signos de sua cultura, também há textos para fazer com que o público surdo consiga unir LIBRAS com o texto, fazendo analogias. Neste sentido, tal site mesmo tendo como objetivo atender somente o público surdo, atingi também o público ouvinte.

4 Considerações Finais

Como foi visto neste artigo a linguagem visual é muito importante para a cultura surda, pois é através de sinais e imagens que esse público se comunica, além de haver as inovações tecnológicas para facilitar e aprimorar a comunicação e o aprendizado desse tipo de usuário.

Neste contexto, a WEB surge como importante veículo de comunicação e interação para o surdo, visto que ao mesmo tempo em que a língua escrita não deve ser descartada, há demanda pela criação de páginas que privilegiem a imagem e a língua de sinais ou que ofereçam a possibilidade de conversão em SignWriting .

Assim, oferecida com redundância, a fim de que pessoas sem audição ou com dificuldade auditiva possam experimentar suas preferências, a informação pode vir a ser otimizada por meio de sistemas de hipermídia, capazes, por sua natureza híbrida de multimeios em mídia eletrônica e texto, de

oferecer oportunidades multisensoriais de aprendizagem.

Neste sentido, os sites específicos para o público surdo requerem cuidados em razão da necessidade de serem desenvolvidos a todo o tipo de usuário, a fim de que a comunicação e a construção do conhecimento contribuam para diminuir as barreiras entre surdos e ouvintes.

Referências Bibliográficas

CATAPAN, Araci, FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Pedagogia e tecnologia: a comunicação digital no processo pedagógico.** Disponível em: <http://abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&inford=131&sid=117> . Acessado em 05 março 2008.

CALDAS, A. L. **Oralidade, Texto e História** - Para Ler a História Oral. Edições Loyola, São Paulo, 1999

COSTA, C. da, R. Antônio; MACEDO, R. Daniel **Sign Dic:** um programa para geração de dicionários relacionando línguas orais e línguas de sinais. Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/Icieep/ponencias/uno-9.htm>>. Acessado em 15 mai. 2010, 01:50

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EUSC, 1999

FRUTIGER, Adrian. **Sinais & Símbolos – Desenhos, projeto e significado.** São Paulo : Martins Fontes, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____, N., 2002. **Reconsidering cochlear implants:** The lessons of Martha's Vineyard. *Bioethics*, 16: 134-153.

LOPES, Tatiane **FNDE financiará programa de computador para língua de sinais.** Disponível em: <<http://ecsrv04.mec.gov.br/acs/asp/noticias/noticiasDiaImp.asp?id=4209>> **Acessado em 15 mai. 2010, 00:00.**

MALTIN, Margareth A.; FOLEY, J. Hug. **Sensación e Percepción.** México: Prentice Hall, 3ed, 1996.

McWHINNEY, J., 2001. **Genetics and Deafness: Shaping the Future**. 23 August 2001. Disponível em: <<http://www.britishdeafassociation.org.uk/genetics.html>> acessado em 16 abr. 2006, 14:20.

PEIRCE, C. S. **New elements of mathematics by Charles S. Peirce**. Ed. C. Eisele. The Hague: Mouton, 1976.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 200

QUADROS, Ronice Miller de. **A educação de surdo: a aquisição da linguagem**, Porto Alegre: Artes Médicas. V.1.1997

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmd, 2004

RIBAS, Armando Cardoso. **A interface do ambiente virtual de ensino-aprendizagem do curso LETRASLIBRAS segundo as características da cultura surda e os critérios de usabilidade**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

ROSA, Fabiano S. **Literatura surda: criação e produção de imagens e textos**. ETD. Educação Temática Digital, Campinas, v. 07 N 2, p. 58-64, 2006. Disponível em <<http://143.106.58.55/revista/archive.php>> Acessado em 06 de janeiro de 2008.

SÁ, L, Nídia **Existe uma cultura surda**, 2006. Disponível em: <http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc> Acessado em 27 abr. 2007, 10:30

STUMPF, Mariane Rossi. **Mudanças estruturais para uma inclusão ética**. In: QUADROS, Ronice. Estudos Surdos III. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

TORRES, F. Elisabeth; Molle, G. Anahi; Mazzoni A. Alberto; Alves B. M. João, 2006. **Alfabetização Auditiva Através da Hipermídia: Congresso nacional de Ambiente Hipermídia para Aprendizagem**, 2006

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

WONG, Wucius **Princípios de Forma e Desenho**, 1998.